

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

MITOLOGIA EGÍPCIA

Brenda Isabela de Souza Rodrigues, Katerine Roman Barreto.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 1224-000- São José dos Campos-SP, Brasil, brenda.isa.souza@gmail.com; katerine@univap.br.

Resumo - O objetivo deste artigo é analisar a mitologia egípcia através do mito do deus Amon Rá e sua relevância para a história da egiptologia. O conteúdo egípcio mítico é um tema imprescindível para se apreciar uma cultura e modos de vivência de pessoas em uma determinada época de modo a definir religiosidade, cultos, economia e até mesmo preconceitos. O artigo teve como base metodológica, o estudo da arqueóloga e egiptóloga *Sophie Desplancques* e dos autores especialistas: *Joshua J. Mark* e *Gran Circo Pravda*. Como conclusão temos que, no estudo da mitologia egípcia a religião apresenta extrema relevância em todos os aspectos da vida cotidiana no Egito Antigo e que nenhum outro deus egípcio foi tão poderoso quanto Amon-Rá.

Palavras-chaves; Egito, Religião, Mitologia.

Área; Ciências Humanas.

Subárea; História.

Introdução

A civilização egípcia, é tão fascinante que desperta o interesse de leigos e pesquisadores, tanto pela sua História quanto por suas fontes inesgotáveis de mitos e suas magníficas e imponentes pirâmides.

O tema central deste artigo, está no estudo da religião, presente no cotidiano do egípcio antigo, buscando analisar em que constitui o mito na Antiguidade egípcia.

O objetivo deste artigo é analisar a mitologia egípcia através do mito do Deus Amon Rá, e sua relevância para a história da egiptologia.

A metodologia utilizada foi a análise bibliográfica de obras pertinentes ao tema.

O Egito Antigo foi uma das maiores civilizações antigas do mundo, com inclusão das grandes maravilhas do mundo sob seu domínio, as Pirâmides de Gizé. Segundo a revista Galileu (2016, p.6), a terceira maravilha do mundo tem cerca de 2,3 milhões de blocos de 2,5 toneladas a 80 toneladas.

As pirâmides são apenas um rastro de uma grandiosa civilização que procurou meios de agradar seus monarcas com grandes monumentos para tumbas. Porém, a história não se finaliza neste ponto.

O historiador Ciro Flamarion Cardoso, divide a História do Egito em três fases. Começa com o Reino Antigo por volta de 2920 a 2575 a.C. posteriormente se tem o Médio Egito que se estende por 2040 a 1640 a.C. e o Reino Novo de 1550 a 1070 a.C., tendo como forma de governo a Teocracia, (CARDOSO, 1985, p.12). Para o historiador, existe uma extensa historiografia a respeito da história do Egito Antigo que foram descobertas por arqueólogos e outras que poderão ainda ser encontradas.

Mário Curtis Giordani, (1972, p.66), aborda o Reino Antigo como sendo dividido a partir dos nomos por meio do particularismo regional. Cada nomo como uma cidade capital independente das outras. Cada população continha suas religiões e crenças que serão reunidas e algumas serão descartadas com o advento da junção do Baixo Egito e Alto Egito. Em cada nomo existia um nomarca que era responsável pelo cuidado dos campos, da justiça e de proteger a cidade.

Nesse período, segundo Jaime Pinsky,

“Os egípcios viam o Nilo como uma condição potencial ao trabalho e que poderia agregar a eles, de modo a que se começasse a estudar a questão da inundação do rio e como ela pode ser usada. Fazendo que

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

assim haja o começo do trabalho coletivo e solidário que começa a construir um meio de irrigação para que durante as cheias ele fertiliza os campos e na falta de cheias se haja um local para compartimento de água.” (PINSKY, 1999, p.67)

Dentro desta organização, o historiador Ciro Flamarion, aborda a sociedade dividida em forma de pirâmide com os faraós, escribas, vizires e sacerdotes no começo dela e compondo a estrutura, os camponeses e escravos (CARDOSO, 1982, p.24). Esta pirâmide social é também comentada pelo historiador Mário Curtis Giordani:

“Os que ficavam em cima ficavam com as questões administrativas e da escrita dos hieróglifos e os outros mais abaixo eram responsáveis pela agricultura e pecuária da época que compunha em: Cevada, trigo, legumes e árvores frutíferas e no âmbito animal; Bois, asnos, carneiro, ganso e carneiro.”(GIORDANI, 1973, p.73)

Segundo Ciro Flamarion Cardoso (1982, p.21), registros arqueológicos não revelam qualquer corte durante o Reino Médio (2040 a 1640 a.C), mas um declínio monárquico parece, no entanto, ter-se iniciado. Dessa forma, por volta de 1640 a.C. soberanos estrangeiros de origem asiática, tomaram o poder no Egito. *Manethon* chamou-os “hicsos” (*hyksos*. do egípcio *hekau-khasut*: “príncipes de terras estrangeiras”). Para Ciro Flamarion “Eles trouxeram inovação e superioridade militar de modo a mudarem o Egito”.

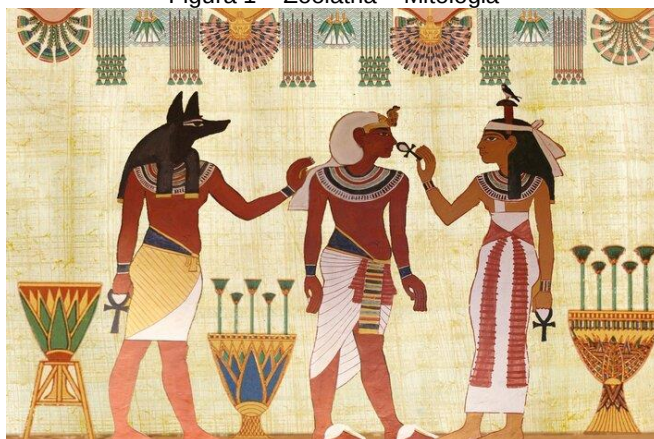
Mário Curtis Giordani (1972, p.72) reafirma dizendo que “o cavalo será implantado como modo de tração animal na produção agrícola, ajudando na irrigação. Houve também melhorias técnicas e desenvolvimento da indústria têxtil.”

Com a entrada do Reino Novo (1539-525 a.C.), o Egito começa com um auge da riqueza depois do ápice com as inovações trazidas pelos hicsos, de modo a conseguirem mudar sua administração e ter uma ascensão política e econômica. Segundo Mário Curtis Giordani (1972, p.86) “os egípcios conseguem intensificar o comércio interno por via fluvial e um comércio muito lucrativo entre os Biblos e Creta” impulsionando a administração com exército permanente e a expulsão dos hicsos em 1550 a.C. dando assim o início concreto do período Novo.

Segundo Mario Curtis Giordani (1972 p.108), “nesse período, houve crescente questão da zoolatria, animais considerados sagrados com os deuses representados”.

A ascensão do Reino Novo, despertou o interesse de invasores estrangeiros, começando com os assírios em 643 a.C. depois com Alexandre da Macedônia em 332 a.C. e finalmente com os romanos em 30 a.C. (GIORDANI, 1972 p.86)

Figura 1 – Zoolatria – Mitologia



Fonte: escolaeducação.com.br

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Metodologia

O artigo foi composto por análise qualitativa bibliográfica dos autores *Sophie Desplanques*, *Joshua J. Mark* e *Gran Circo Pravda* "O Egito antigo" e "Panteão Egípcio". Também foram utilizados os trabalhos de autores como *Ciro Flamarion*, *Mário Curtis Giordani*, *Jaime Pinsky*, *José Maria Nunes de Paiva* e *Ernest Alfred Thompson Wallis Budge*.

Resultados

O Egito Antigo é um tópico muito relevante quando se trabalha com a base das civilizações da antiguidade. De tal modo, podemos entender, de uma maneira mais eficiente, o modo no qual a Era Farônica se iniciou e quais foram as razões que proporcionaram uma ligação tão grande com a mitologia a ponto de se formar uma sociedade embasada em religião como meio de vivência. Tendo em mente o trabalho de três grandes historiadores com trabalhos focados nos tempos antigos; *Mário Curtis Giordani* (1921-2014), *Jaime Pinsky* (1999) e *Ciro Flamarion Cardoso* (1943-2013) podemos ter uma noção do assunto de maneira mais ampla. De fato, é difícil falar sobre os tempos antigos, especialmente quando se trata do Egito, sem citar a mitologia e seu efeito na comunidade copta. O uso de tal religiosidade influenciou no modo de agir da população egípcia em todos os aspectos da sociedade, tanto econômica quanto politicamente, determinando éticas morais que deram a estrutura da civilização egípcia.

As obras da autora *Sophie Desplanques* "O Egito Antigo" e "Os Deuses Egípcios" como também "O Panteão Egípcio" dos autores *Joshua J. Mark* e *Gran Circo Pravda*, especialmente analisadas para compor este artigo, comentam sobre a questão egípcia e seus princípios.

As fontes utilizadas pelas autoras fazem parte de análises arqueológicas tais como fatos escritos em pirâmides e objetos encontrados em meio ao deserto.

Como bem citado por *Mário Curtis Giordani* (1972, p.75) "a religião foi muito importante para manter o Egito com suas crenças". Com essa afirmação, o historiador concorda com os autores *Joshua J. Mark* e *Gran Circo Pravda* em *Panteão Egípcio* (2022, p.49) de maneira a dominar todos seus modos de vida de cultos e da economia. Em contraste aos autores acima citados, pode-se ver em igualdade as análises de *Sophie Desplanques*, (2009, p.10) *Jaime Pinsky* (1999, p.9) e *Ciro Flamarion Cardoso* (1985, p.17) que recorrem a uma história mais datada e voltada à questões econômicas de civilização, voltando a discussões mais sucintas do assunto sem citar a questão religiosa como tão abrangente.

Segundo os autores citados, o estudo mitológico é importante para se definir uma cota de grupos sociais e distintos pelo mundo, podendo englobar uma sociedade inteira e ser algo importante na sociedade como um todo, de maneira social, política e econômica, podendo até estar ligada a avanços tecnológico de uma época ou campo social.

Discussão

O Egito Antigo viveu em uma teocracia durante sua existência. Dessa forma, todas as suas questões serem voltadas para a mitologia e os deuses". Segundo o historiador *Mário Curtis Giordani* (1975, p.55). Assim sendo, começamos o artigo mostrando como essa questão mítica envolveu todo o enredo da história egípcia, chegando a determinar uma cultura e as questões governamentais.

Temos como base neste estudo a apresentação do Deus Amon Rá:

"O deus Amon Rá foi uma divindade em que se juntaram dois Deuses o Amon que simbolizava o culto é inerente e o outro deus Rá que simbolizava o sol, o que era muito comum no Egito, pois o que estes dois deuses tinham entre si para eles, simbolizavam algo muito parecido e com a junção dos reinos de Alto e Baixo Egito foi mais fácil para Menés unificar ambos." (PRAVDA, 2022, P.180).

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Figura 2 - Deus Egípcio Amon-Rá - Deus do sol e da reencarnação - Mitologia



Fonte: escolaeducacao.com.br/amon-ra/

A origem do Deus Amon Rá se situa no Antigo Egito (2920 a 2575 a.C.) durante a V dinastia, a partir da construção de um templo solar funerário que abrigava oferendas após consagração ao deus. (DESPLANCQUES, Cap.II). Pode-se notar a origem da divindade contrastando com uma cultura que se transforma, mostrada no começo de um desenvolvimento, como as primeiras construções do Egito e as inovações que foram fundamentais para o desenvolvimento econômico da região. Um exemplo é o desenvolvimento do Nilômetro citado na tese de doutorado de Tales Miler Soares sobre a história da irrigação (1905, p.5).

“Nilômetro era no formato mais simples era uma coluna vertical submersa no rio com intervalos marcados indicando a profundidade da água. Um segundo formato era um lance de escadas que levava ao rio. Os dados do nilômetro eram então usados pelos antigos sacerdotes egípcios que previam misticamente quando o dilúvio ocorreria.” (SOARES, 1905, P.5)

Amon Rá não apenas proporcionou desenvolvimento na economia, como também foi: “Aquele que nasce todo dia, envelhece todos os dias e se regenera no mundo dos mortos.” (MARK, p.19), mostrando que Amon Rá é comparado com questões da natureza como todos os outros Deuses, mas o que o difere é o fato de ser comparado com o sol, que era de algum modo, considerado grandioso para os coptas, algo marcante em suas vidas, de modo a definir sua temporalidade

Sophie Desplancques, também faz um destaque sobre a criação do calendário que dizia que:

“O calendário segue a três fenômenos; O nascer do sol, helíaco de Sirius e as inundações.” (DESPLANCQUES, Cap.I).

Durante o Império Médio (2040 a -1640 a.C), Amon Rá começa a se tornar mais popular com a vitória de *Ahmose I* que fala “Vitória perante os Hicsos graças a Amon Rá Deus dos Deuses.” (JOSHUA, Mark, 2021, p.6). Essa frase de *Ahmose I* faz surgir a ideia de um Deus presente entre os egípcios, o que vai fazer com que ele se torne para os egípcios a própria figura do faraó na terra.

O faraó era considerado a maior divindade do Egito existente em meio a eles, sendo o mais importante em questões de decisões governamentais, sendo ele o responsável pelas questões guerreiras, manter a comida para toda a população e manter cultos aos Deuses. (PINSKY, 1999).

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Segundo o historiador Jaime Pisky (1999, p.73) o faraó egípcio era considerado “a própria divindade em pessoa de modo a simbolizar o Deus Rá”. Desta maneira, pode se dizer que os faraós eram diretamente ligados a essa divindade tendo em comum a busca de todas as suas decisões de governo.

Dentre as características de Amon Rá o livro Panteão Egípcio no tópico sobre Rá escrito por Gran Circo Pravda (p.178, 2022) traz a seguinte citação:

“Tinha como prioridade manter o cosmo ma’at, sendo considerado o deus dos deuses e criador de todos, de modo a sempre ser justo e onisciente, podendo também ao ver coisas erradas punir os seres humanos”. (PRAVDA, 2022, p.178).

Dessa forma, assim como Amon, o faraó egípcio tinha como ideia em seu reinado de uma preservação da ordem das coisas, mantendo consigo que tudo tem um ponto positivo e negativo, mas sem ambos não se pode ter nenhum. (PRAVDA, 2022, p.178)

Outra questão a ser afirmada na política do faraó é a sua posição centralizada como um deus acima dos outros. Seu governo será acima de todos onde terá todo o poder. Um exemplo claro disso foi quando Alexandre da Macedônia domina no Egito em 323 a.C e ao absorver algumas questões a respeito da política e cultura egípcia, ele organiza seu governo através da centralização do seu poder, semelhante ao governo dos faraós egípcios.

O deus Amon Rá tendo um sentimento humano como raiva e punindo com vingança, representado é nas paredes dos palácios mostrando assim, que o deus faz parte do sobrenatural e um ser com questões além humanas, mas também tem suas particularidades com sentimentos e dores humanas. Mostrando, dessa forma, que o faraó é uma divindade na terra, mas lembrando que ele é um homem e tem direto a erros e questões humanas – “tendo uma vida dupla de deus vivo, mas também, uma vida particular com várias mulheres, podendo ser meia irmãs ou não.” (PINSKY, 1999, p.72).

Amon Rá pode ser considerado como pai de Osiris que irá se casar com Isis tendo um filho chamado Hórus que irá, depois de Amon se aposentar, tomar o lugar do deus perante o mundo dos vivos.” (MARK, 2022, p.54).

Conclusão

O Egito foi umas das maiores e mais importantes civilizações do mundo antigo. O Estudo da mitologia egípcia deixa evidente que a religião apresenta extrema relevância em todos os aspectos da vida cotidiana no Egito Antigo.

Para este trabalho, escolhemos a divindade Amon-Rá como personagem principal de estudo e concluímos que a partir do Reino Novo (1550 – 1070 a.C.) nenhum outro deus egípcio foi tão poderoso quanto Amon-Rá, sendo considerado uma espécie de faraó divino. Para os egípcios, o poder do culto à essa divindade, influenciou no desenvolvimento da arquitetura egípcia na construção de templos direcionados a ele. Com Amon associado a Rá (deus do sol) percebe-se um desenvolvimento científico dos egípcios na busca de maiores conhecimentos em relação ao funcionamento do sistema solar. O estudo sobre Amon-Rá, contribuiu e muito, para o conhecimento da cultura egípcia, profundamente marcada pela religiosidade. Dessa maneira, observa-se a relevante importância da mitologia no Egito Antigo, podendo ser ligada aos grandes avanços tecnológicos e administrativos dessa imponente e fascinante civilização da antiguidade.

Referências

BUDGE, E.A.W. **O Livro dos Mortos do Egito Antigo**. In: Ed. Madras, p.160. São Paulo: São Paulo, 2023.

CARDOSO, C.F. **O Egito Antigo**, Ed. Brasiliense Ltda, Coleção Tudo é história, v.30, p.4-16. São Paulo: São Paulo, 1982.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

DESPLANCQUES, DE. **L'ÉGYPTE ANCIENNE**. In: L & PM Pocket. Coleção L e PM., Série: Enciclopédia. Porto Alegre: Rio Grande, 2009.

FERNANDES, N. **5 provas que as pirâmides do Egito não foram construídas por ETs**. IN: Rev. Galileu., v.1, n.2, 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/06/5->
Acesso em: 24 jun. 2023.

GIORDANI, M.C. **História da Antiguidade Oriental**, Ed. Vozes, 3 ed, p.55-118. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1972.

MARK, J; PRAVDA, G.C. **Ámon e Rá**. IN: **O panteão Egípcio**, Org. GARCIA, J. ed. Pandorga, Cap II p. 49-56 e Cap II p. 178-180. Cotia: São Paulo, 2022.

PINSKY, J. **As Primeiras Civilizações: cultura e civilização, egípcios, mesopotâmicos e hebreus, a divisão sexual do trabalho**. Ed. LTDA, Coleção: Discutindo a história, 9. Ed. p.66-78. São Paulo, 1999.